

A
Biblioteca Pública de
Braga

TRIBUNA LIVRE

25
ABRIL
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

A Missão da Imprensa Um Problema de Consciência

Por A. Rocha Martins

As minhas palavras, simples e sinceras, não pretendem transmitir uma mensagem. Penso, mesmo, que tudo quanto vou dizer, sem beleza de forma nem preocupação de eloquência não constitui, para quem quer que seja, uma novidade. No entanto, terá, sem dúvida, um cunho pessoal a que não falta a sinceridade de quem vivendo o problema lhe vai comunicando o calor da sua fé e do seu entusiasmo.

As ideias em relação à inteligência estão na mesma linha dos alimentos em relação ao corpo. Só vive a nossa inteligência na medida em que a alimentamos com o estudo, a reflexão e o convívio espiritual com os que pensaram e com os que ainda pensam. Todo o homem que deixou de dar à sua cultura, ao seu desejo de saber, o pábulo espiritual está condenado infalivelmente a estoiar e a morrer, a menos que lhe permitam uma situação na vida em

que sejam bastante e suficiente os lugares comuns.

É certo que as ideias não têm idade, são intemporais, mas, nem por isso, deixam de ter actualidade, devendo, para tanto, o homem que pensa e encara os problemas da vida, saber ajustar o pensamento às circunstâncias de momento, de sorte que a solução que se impõe seja lógica, válida e eficaz. Porém, nenhum problema, por mais premente, pode ser resolvido individualmente, isto é, nenhum problema deve ser en-

carado como coisa singular, mas, para ser justamente solucionado, terá de ser olhado no conjunto de que se desintegrou. *O problema do homem tem de ser sempre o problema da Humanidade.* Razão por que, tem inteiro cabimento, na sequência das ideias que vimos expendendo, o princípio, aliás multi-repetido, mas nem sempre compreendido, de que o bem comum, o bem da comunidade deve sobrelevar *tudo*, de tal sorte que em

(Continua na 2.ª página)

Toponímia local

A nova Rua de Sá de Miranda o e progresso concelhio

A nossa Câmara Municipal, na sua última reunião, resolveu dar o nome de Sá de Miranda à rua que se abriu há pouco e liga o Largo do Dr. Oliveira Salazar à antiga Lage.

Entretanto surgem obras em diferentes locais. Chegou o progresso ao concelho: o progresso e o bom senso. Que rem vê-lo? Abram os olhos somente.

Ainda há pouco tempo, bem pouco, infelizmente, nada disto seria possível. O comando entregue a inertes, incapazes, por si, de fazerem alguma coisa, suficientemente maus para não deixarem que os outros realizassem.

Ninguém põe dúvida que esta rua não se teria aberto, que tantas outras obras não teriam sido feitas, ou estariam a ser feitas, se o Município vivesse ainda as horas infelizes que viveu.

Devemos muito, muitíssimo, ao homem que veio tornar possível tudo isto, que deu ao concelho a certeza de que todos podem trabalhar.

A terra que tem uma nova

(Continua na 2.ª página)

PROBLEMAS NACIONAIS BARRAGEM DE PICOTE

A inauguração da Barragem do Douro internacional, recentemente feita pelo Presidente da República é mais um passo gigantesco na economia nacional e um alicerce indestrutível no progresso da industrialização e transportes — a siderurgia e exclusão da importação de carvão para os comboios da extensa rede que possuímos — não falando na grande colocação de capitais, a maioria particulares, pois a obra custou a linda soma de 670

mil contos. Muita gente fica colocada e garantida para o seu futuro que é o que mais interessa a todo o trabalhador que dos salários nada poderá economizar. Esta Barragem, a juntar a outras já concluídas vem dar uma ideia do quanto sobre nós pesa a responsabili-

(Continua na 2.ª página)

É preciso olhar para os Chefes de Conservação de Estradas,

cujo vencimento não está de harmonia com a importância nacional das funções que exercem.

Na sua preocupação de atender, urgentemente, à situação angustiada do pequeno funcionalismo público, beneficiado por recente reajustamento de vencimentos, o Governo — que re-nos parecer — não pôde debruçar-se, demoradamente, como seria seu desejo, sobre cada caso de cada classe, afim de estudá-los com a detenção e a justiça que se impunham. Ape-

Na passada segunda-feira, a Santa Casa da Misericórdia do nosso Concelho transferiu os seus serviços para a nova sede que fez construir junto do Largo do Dr. Oliveira Salazar.

Obra utilíssima de que o Concelho tanto precisava, fica a dever-se à dedicação da Mesa que para tanto fez os maiores sacrifícios e à generosidade de vários beneméritos que acorreram a tornar possível tal realização.

Não estava certo que o concelho não tivesse sede para a sua primeira instituição de assistência e que se não encarasse, definitivamente, a solução de continuar os horizontes do organismo de maneira a que ele possa cumprir integralmente.

A primeira fase da obra está feita; dizemos a primeira fase pois que é preciso continuá-la até que o Concelho tenha o seu posto hospitalar onde todos, pobres e ricos, possam receber os privilégios da medicina e da cirurgia.

As muitas pessoas que visitaram a sede puderam ver o que é possível fazer sem dinheiro. Casa ampla, airosa, terreno disponível para se con-

tinuar, médicos para servir, já alguns aparelhos para ajudar a medicina.

Pena é que as pessoas do Concelho, de coração bem formado, que se interessam pelos problemas sociais, não venham ver uma obra séria, contemplá-la, vivê-la alguns momentos, para a analisarem com justiça. Mesmo as pessoas

(Continua na 2.ª página)

Dr. Nuno Falcão de Betencourt

Tivemos o prazer de ver entre nós, em visita de inspecção à Casa do Povo, o senhor Doutor Nuno Falcão de Betencourt, Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho.

Sem alardes, envolvido numa simplicidade bem filha da sua modéstia de ser, deve-lhe o Instituto Nacional do Trabalho, em Braga, muito do prestígio de que usufrui e a organização corporativa o melhor da admiração que a sua acção granjeia em todos os sectores.

Inteligente e compreensivo, sem a afectação que muitos interpretam erradamente como sinónimo de inteligência mas que por detrás dessa fachada tantos males semeia, tem em cada dirigente um amigo e em cada dirigido um admirador.

Nas suas mãos compreensivas o Instituto não é um carrasco e a organização corporativa congrega e enlaça, resolve, defendendo simultaneamente os interesses de todos: por serem todos portugueses, dirigentes e dirigidos, como tais são tratados.

Bem precisa a organização corporativa de quem a sirva com coração e inteligência — de quem a sirva assim.

Comentários

Hipocrisia

A hipocrisia é a pior das chagas sociais; é a armadilha de que se servem os perversos para fazer o mal e enganar o próximo: ela é, por si mesma, uma perversidade sem nome!

A figura que melhor representa o hipócrita é a serpente, que rastejando na lama, no lodo, na imundície, sub-repticiamente, aproxima-se e intervém para ferir; atrai hipnoticamente a ave, como o hipócrita seduz a vítima com a imposturice; cega com o poder da atracção quando está para afeitar a presa e segregar o veneno, tal como o hipócrita ao aplicar, com a peçonha da infâmia, o ferrite da maldade, o estigma da ignomínia; mas o hipócrita, ao avocar a presa, vai mais longe ainda: ri, numa mistura cínica de todos os pecados, porque nos seus actos há, de todo o

(Continua na 6.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Já anteriormente, e repetidas vezes se acham registadas as mais sérias admoestações ao clero da época, a combater-lhe o luxo no «uso indecoroso de laços e fitas de seda e de várias cores» (gravatas) ou a extrema negligência e desleixo no acto da celebração dos Offícios Divinos,

(Continua da 4.ª página)

sar de tudo, é de louvar a intenção do Governo, pois que, para além do problema de dar a cada um o que lhe faz falta, reconhece-se-lhe a preocupação de atender as necessidades.

Como não podia deixar de ser, subsistiram descontentes.

Uns sem qualquer razão a assistir-lhes. Queixam-se por hábito, ou por gula. Outros,

(Continuação da 6.ª página)

Missão da Imprensa

(Continuação da 1.ª pág.)

relação a ele terão de ser considerados todos os bens particulares, isto é, a interesse de cada um.

Petante os problemas da vida, quer os que respeitam ao progresso material quer os que se referem ao espírito, a Imprensa, grande e pequena, (e não saberemos facilmente definir o sentido destes termos para uma justa classificação...) tem um papel de relevo.

Não pode alhear-se, sob pena de traição; não pode ser dispensada, sob pena de injustiça flagrante; não deve ser amarfanhada, sob pena de crime imperdoável.

Todos os problemas que dizem respeito à Comunidade interessam à Imprensa que, pela sua missão especializada, é chamada a contribuir para a sua mais conveniente solução.

Todos os problemas que dizem respeito ao bem da Humanidade lhe interessam e por eles tem de lutar corajosamente, alegremente, fazendo do seu apostolado uma cruzada gloriosa de aventura espiritual, dando tudo por tudo, na defesa da sua dama e na protecção que pode dispensar aos que não têm possibilidades de defender-se e de propor as suas reivindicações justas. A Imprensa, a modos de cavaleiro medieval, nunca poderá esquecer os grandes ideais, tão grandes que nunca os atinjirá plenamente, mas tão sedutores que sempre polarizarão toda a sua actividade.

Sabemos bem quais os problemas mais importantes do Homem.

Considerando-o uma realidade na vida, com um destino eterno a cumprir, há que respeitar nele o duplice princípio que forma a sua personalidade e que, por isso mesmo, implica direitos que seria criminoso esquecer.

O homem é um todo, embora nele consideremos o corpo e a alma, com atribuições próprias, mas, ao fim e ao cabo, com uma identidade de personalidade que o torna sujeito de imputação dos actos que pratica como ser inteligente e livre. Neste plano terá sempre de ser encarado pela Imprensa. Na concretização que se impõe, não escapa a esta lógica o governante e o governado, o mestre e o discípulo, o patrão e o operário, o pobre e o rico, o justo e o criminoso, o capitalista e o trabalhador.

Sabe bem, neste momento, lembrar a palavra infalível de Cristo ensinada aos apóstolos e a todos os homens: «Pai nosso que estais no Céu». Todos somos irmãos e como tal temos de nos amar e de lutar no sentido do bem comunitário.

O mundo que temos diante de nós, com seus defeitos e virtudes, não será o mesmo quando o deixarmos. Será melhor ou pior conforme a nossa actividade. Aplicando este princípio, que defendemos como dogma, diremos que a Im-

prensa pode fazer um mundo melhor, mais justo, mais caritativo, mais humano e mais cristão, ou pode, pelo contrário, torná-lo mais injusto, mais desumano, mais dramaticamente comunista e ateu.

O negativismo não pode ser atitude intelectual do homem que se preza; a indolência e o pessimismo são opostos à consciência da dignidade de filhos de Deus.

Por isso, temos de lutar no campo sublime das ideias e no campo árido, difícil, erigido de espinhos das realidades, na aplicação da teoria à prática, no contacto com os homens que, por vezes, são lobos de si mesmos...

A Imprensa terá de sofrer a incompreensão de muitos e a perseguição de tantos que preferem as trevas em que são possíveis as habilidades e os malabarismos de uma actividade sem escrúpulos. Essa perseguição será tanto maior quanto a influência e penetração local, directa e premente da Imprensa.

Se a Imprensa não pode prescindir dos seus direitos nunca, do mesmo modo, poderá esquecer os seus deveres.

Deve trabalhar, tanto quanto possível, com objectividade, com lealdade e tendo sempre em conta o bem comum. Não seria digno explorar o crime pelo crime; insinuar por malevolência e criticar pelo prazer de desgostar. Quem trabalha, com recta intenção, mesmo que não tenha atingido o que nós desejávamos, tem o direito de ser tratado com urbanidade e se a nossa consciência de zeladores do bem público nos impõe uma censura pelo que ficou por fazer, devemos ser cautelosos nas expressões para que não fique menosprezada a nossa missão e ferida a justiça de que somos arautos. *O elogio e a censura devem merecer-nos o mesmo escrúpulo de consciência.*

A pena do jornalista é a espada que luz para iluminar e só fere quando a consciência dos atingidos deixou de cumprir o seu dever. Trabalhamos para uma ordem nova e, por isso mesmo, sentimos, mais do que nunca, a necessidade da união de forças, para ser possível atingir o mesmo objectivo.

A lealdade entre os jornalistas, a entreatada, tão necessária como preciosa que se podem dar, impõe-se em todos os tempos mas, sobretudo hoje, em que a dissociação parece ser característica dominante da sociedade mais do que nunca eivada de individualismo. O Sentido da unidade não pode estar ausente dos objectivos a conquistar pela Imprensa.

Na sua missão de informadora do público a Imprensa não pode esquecer que é, querendo ou não, a construtora de uma mentalidade. Assim como não é possível furtarmo-

-nos à atmosfera que respiramos também não podemos evitar a acção do que lêmos. Muitos há que leem apenas o jornal, e muitos, ainda, *que só leem um jornal*. O único alimento do seu espírito e o único orientador do seu pensamento é o jornal, o jornalista, eu ou cada um de vós. A consideração deste princípio verdadeiro implica, para cada um, sério exame de consciência e demonstra, com clareza, a verdade de que *a Imprensa é um caso de consciência.*

Se para o cumprir for necessário o sacrifício da nossa comodidade, da nossa actividade, da nossa vida, será glorioso morrer no campo do dever. Para além da luta, dolorosa e sangrenta, a esperança e a certeza de que a semente desaparece no terreno para que surjam as flores, se difunda o perfume e abundem os frutos de resgate de vidas.

Eis, meus senhores, o campo em que lutamos para que surja um mundo melhor para quantos creem, esperam e amam a Família, a Pátria e Deus.

(Palavras lidas pelo Autor na Reunião da Imprensa Regionalista, em Braga, no dia 3 de Julho de 1958)

Toponímia local

(Continuação da 1.ª página)

rua foi prejudicada, está agora a demonstrar que as queixas dos seus filhos tinham razão de ser, mas há terras muito mais prejudicadas e cujas feridas não desaparecerão tão cedo por não haver possibilidades do curar aquilo que uma criminosa negligência causou.

Bouro e Caldelas, hão-de esperar muitos anos até que possam realizar aquilo que lhes tiraram.

Sim, tiraram.

A luz eléctrica para Bouro custava tão pouco, que deixar perder o contrato foi tirar-lhe um direito que a prejudicou em mil contos. Há erros que só merecem perdão se tomarmos os infractores como dementes.

A gente nova de Bouro pede progresso, deligência, insiste. Tem no seu próprio seio quem injectou o vírus. Foi preciso chegar um homem e homem que não fosse de Bouro — o Santo da porta foi um triste milagreiro — para encerrar o assunto a sério.

No momento em que celebramos a abertura duma nova rua e lhe é dado o nome do imortal poeta e filósofo deixemos reiterar os nossos votos de admiração a quem na presidência do Município está sempre pronto a dar o seu contributo para que o concelho progrida.

Juntemos o nosso aplauso ao daqueles que medem os homens pelas suas realizações e que desejam acima de tudo o bem público.

Refúgio

Mãe, o ser que me deste e andou perdido
Quer refazer o sonho de teus braços!
Perdoa-me os desvarios, erros crassos...
Inocente, paguei-os num gemido

Que chorei, longos anos abatido,
Deixando a vida frágil aos pedaços,
Na dura «via-sacra» dos meus passos,
À vista dum calvário sem sentido!...

Sou o que sempre fui dentro de mim;
E olho, de pé, o mudo inteiro, assim,
Apesar das bocarras em espanto!

Nada temo que Deus risca direito
Por linhas que saíram do teu peito:
Mãe, bendita a frescura do teu mantol...

Minhoto de Maфра.

BOURO

Uma decisão que protestamos

É uma verdade, ao alcance de quem a quiser confirmar, que Bouro é uma das freguesias do concelho que mais se propõe a embelezamento e progresso. Torna-se, por isso, indispensável que a Junta de freguesia disponha de alguma receita, pelo menos a necessária para satisfazer despesas que anualmente são imprescindíveis.

A única receita que a Junta tinha como certa, era o rendimento dos impostos da Feira, e infelizmente, há já alguns anos que outra não lhe foi atribuída, incluindo o subsídio Camarário, que possibilitasse a reparação de alguns caminhos em estado deplorável.

Apresenta, agora, a Ex.ma Câmara, uma decisão, de que reverterá a seu favor o rendimento dos citados impostos, mandando para o efeito, um Funcionário à respectiva cobrança. Esta atitude deu lugar a uma série de protestos do povo à Junta de freguesia, e desta, à Ex.ma Câmara.

Vemos nesta atitude grandes prejuízos para a freguesia, da qual serão principais

vítimas, os comerciantes e agricultores.

Creemos que a reclamação da Junta não passará despercebida e, portanto, que tudo voltará ao seu anterior estado.

Abastecimento de Águas

Foi-nos dado conhecimento de que os trabalhos referentes ao abastecimento de águas à freguesia, vão ser iniciados no princípio da próxima semana. Estamos tão saturados de promessas falsas que, sem ver, em nada acreditamos. Se as informações forem verdadeiras, cá estamos para breve sugerir o que se nos oferece sobre o assunto.

A. Fernandes

Problemas Nacionais

(Continuação da 1.ª página)

dade da gratidão e da defesa que nos é imposta pela manutenção de um sistema de governo que se preocupa apenas com a felicidade dos portugueses, a quem será entregue a chave da porta que abriu o caminho para o futuro de todos a quem preocupa uma vida honrada, pacífica e modesta, para que a vaidade encontrada no seu caminho de loucura o obstáculo da sensatez suprimida por atavismos de abençuragens utópicas. A irreflectida alteração da ordem é uma falta de obediência à doutrina de cooperação, solicitada a quem se ache com capacidade para melhor dizer o que falta e como deveria ser feito o que está ou parece estar mal. Em clima temperado, tudo se desenvolve e todos ganhamos a vitória do bom conceito em que é tida no mundo esta pequena parcela que tanto custou a formar.

Construamos todos o futuro com a resolução dos problemas nacionais.

Elisio Gonçalves

Santa Casa da Misericórdia

Continuação da 1.ª página

que contribuíram devem sentir-se honradas em ver feito aquilo para que contribuíram.

Mas as obras, em parte do edifício estão sem a cabar. É preciso acabá-las e fazer novo pavilhão para aumentar as atribuições do organismo.

Cada passo em frente é mais uma garantia para todos nós que de um momento para o outro podemos precisar.

Mas é ainda mais para nós. É o sossego de termos cumprido perante a sociedade que precisa e à qual temos de amparar, como células de um mundo a que pertencemos e no qual temos direitos e regalias e não podemos fugir das obrigações.

TRIBUNA do CONCELHO

Estrada Vicinal de Caires Sua pavimentação—Sua sinalização

Merece todo o elogio a obra de pavimentação da estrada de Caires, que se apresenta com elegante aspecto e solidez, por ser executado a cubos. É desta maneira que todas as estradas vicinais deveriam ser pavimentadas e o Município, para defesa dos seus próprios interesses e comodida do povo, faria obra de grande mérito se requeresse com participações para pavimentar desta maneira todas as estradas municipais. Parece-nos que com um pouco de boa vontade aproveitando as facilidades que o Estado dará, cada vez mais, através dos Palcos de Fomento, este importante melhoramento das estradas seria um facto dentro de prazo relativamente curto, mas que obra tão magnífica não fosse executada a curto prazo, pelo menos se lhe preparasse viabilidade no futuro.

Não sabemos o que o Município pensa a tal respeito, e pode ser até que tenha diligenciado nesse sentido, dadas as reclamações justas que se vêm fazer com insistência sobre a mediocridade dos caminhos vicinais, alguns em manifesto desalinho por falta de pessoal cantoneiro. Mas com esta medida acabariam as reparações e os caminhos vicinais converter-se-iam em autênticas estradas turísticas, que é o que devem ser numa região como esta situada entre duas Termas importantes.

* * *

A bifurcação Caires—Caldelas, no lugar Novo (Feira Nova) é muito equívoca para quem desconhece o percurso, e chegamos ao conhecimento que, depois da reparação da estrada de Caires, que ficou com melhor aspecto do que a que conduz a Caldelas, estão a dar-se constantes enganos, pois os turistas que se dirigem a Caldelas, ao depararem com a bifurcação, optam pela estrada melhorada e com razão, julgando que será esta a que deverá servir as Termas.

Desfeito o equívoco mais adiante, voltam desiludidos para trás, com péssima impressão dos serviços de estradas, que nem sequer procuram desfazer o equívoco com uma placa de sinalização. Chamamos a atenção para este caso esquisito e esperamos que quem de direito fará sinalizar o local, convenientemente.

É ao tocar neste assunto, também não ficará mal lembrar que a estrada Caldelas-Feira Nova deve merecer, pela sua importância turística, uma urgente grande preparação.

Que tudo se faça, dentro em breve, são os nossos melhores votos.

Carta dirigida á Redacção

Como amável atenção pela pontualidade no cumprimento do seu dever, no incêndio propagado numas medas de palha da propriedade do Senhor Elísio Gonçalves, o Senhor Delfim de Almeida Soares, de Rendufe, enviou uma carta á Redacção agradecendo ao Senhor Comandante e a todo o pessoal da Corporação dos Bombeiros de Amares, a forma como intervieram no incêndio. Diz que se não fosse a intervenção tão rápida, muitos mais prejuízos se verificariam, até no antigo edifício da Faia, que esteve ameaçado.

Como recordação oferece quatro sacos de cimento para o quartel em construção. Agradece também a todas as pessoas que intervieram no incêndio com a sua ajuda.

Novos Assinantes

Pelo Snr. Abílio de Deus Machado empregado comercial da F. N. A. T. foi-nos indicado o Snr. Abel Cerqueira e as Sras. Maria de Jesus Andrade Arantes e Alice de Lourdes Gonçalves. Pelo Snr. J. Fernandes de Azevedo, foi-nos indica-

do o snr. António Dias, de Ruivães.

Também tivemos o prazer de inscrever a menina Maria Júlia Russell Pereira e o Snr. Delfim de Almeida Soares.

Gostosamente fizemos as suas inscrições e agradecemos.

De Rendufe

Agressão

Recebeu curativo no Hospital de S. Marcos da cidade de Braga, por ter sido agredido por Domingos da Silva Alves, com casa de móveis em Braga e no Largo da Feira Nova, o snr. Delfim de Almeida Soares, também de Rendufe.

Esta agressão relaciona-se com uma questão de sociedade entre os dois, que não chegou a efectuar-se, mas com o que o Senhor Soares se sentiu lesado em perda de tempo.

Paulo José da Silva

Regressou, esta semana, de uma casa de saúde do Porto, o senhor Paulo José da Silva, aspirante de finanças no nosso concelho e residente na Vila de Amares.

Ali foi sujeito a melindrosa operação que o reteve no lei-

LAGO

Meu caro amigo António:

Tivemos, no dia 11, o Sagrado Lausperene. É uma adoração de 24 horas que todas as freguesias da arquidiocese devem fazer uma vez cada ano. Creio que em Portugal, até à data, só as dioceses da Guarda e Braga adoptaram este costume. O fim que se pretende é haver ao menos uma igreja, em toda a diocese, onde todos os dias o SS.mo Sacramento esteja solenemente exposto e adorado pelos fiéis.

A arquidiocese de Braga tem 826 freguesias e cada uma pode escolher à sua vontade o dia preferido para a realização do Sagrado Lausperene. Lago escolheu o dia onze de Novembro, dia de S. Martinho, seu Padroeiro. Aconteceu, porém, ficarem vários dias sem nenhum Lausperene e outros dias com vários simultaneamente. Era preciso preencher as acunas; e os dias que tinham mais fartura tiveram de repartir com os que nada tinham.

Foi assim que o Lausperene de Lago mudou para 11 de Abril.

Realizou-se também, nesses dias, desde o dia 7 ao dia 12,

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—O sr. José Manuel Martins e o sr. Manuel Arantes.

Segunda-feira—O snr. Joaquim José Azevedo Macedo.

Terça-feira—A Sra. D. Maria Izabel dos Santos Menezes.

Sexta-feira—A Snra. D. Elsa Mendes Tomé.

Pedido de casamento

No dia 14 de Abril último foi pedida a mão da menina Maria Olinda Esteves, de Ferreiros para o Senhor Luis José de Barros, de Carrazedo, pelos tios do noivo, Senhor Américo Dias Pisão e Ex.ma Esposa, Senhora D. Luzia de Barros Pisão, da freguesia de Ferreiros.

to por largo tempo, encontra-se, presentemente, em franco restabelecimento, na sua casa de residência.

Durante o seu internamento foi muito visitado e muitos foram os que sempre quiseram saber da sua saúde, o que demonstra o apreço em que o ilustre doente é tido no nosso meio.

Folgamos com o seu regresso e desejamos que o seu restabelecimento seja completo.

a festa do Sagrado Coração de Jesus, com sermões de manhã, às 6 horas e de tarde às 20,30 horas. O prégador deu também o seu concurso ao Sagrado Lausperene, confessando todas as pessoas, fora das horas do confesso geral, que o pediram, e cantando as missas do princípio e da conclusão. A parte coral foi executada, à vez e respectivamente pelo coro dos homens e das mulheres. As Adorações da noite foram reservadas para os homens e as do dia para as mulheres.

Digo-te sinceramente que, embora a noite pareça, nestes casos, difícil de passar, o entusiasmo e devoção dos homens destruiu todo o pessimismo. Contudo, embora os turnos fossem sempre muito concorridos, houve pessoas que não apareceram na Igreja.

O Lausperene e a conclusão da festa do Sagrado Coração de Jesus foram muito concorridos, porém não sucedeu o mesmo com os sermões dos dias anteriores.

Parece-me que se podem reduzir a quatro as causas da pouca assistência dos sermões: trabalhos agrícolas, televisão, tabernas e desleixo.

A primeira teve muita influência visto estarmos em Abril e haver em Lago, bastantes terras de sequeiro cujas sementeiras costumam ser feitas neste mês. Quanto à segunda compreendes bem que deitar além das zero horas não permite levantar às 5... As duas últimas causas também deram o seu contributo. Queria dizer-te al uma coisa mais sobre Lausperenes. Para outra vez terei.

Tenho notado, por toda a parte, pouco gosto de ouvir a palavra de Deus e, menos ainda, de cumprir os mandamentos. Há tempos fui assistir a uma das pregações nocturnas que se realizavam, às 21 horas, em certa igreja paroquial, destinadas a todas as classes de pessoas.

A população dessa paróquia aproximava-se então dos 7 mil habitantes. Pois garante-te que dentro da igreja não estavam duzentas pessoas!

Do zelo em cumprir o sexto mandamento nada te direi porque vês o que se passa à volta de ti...

Baptizado

Celebrou-se na Igreja matriz de Ferreiros, pelo Rv.mo Pároco Albino José Fernandes Alves, no passado domingo, o baptismo do menino Carlos Alberto de Azevedo Dias, filho do Senhor Jaime de Abreu Dias, digno funcionário notarial e nosso dedicado assinante e da Senhora D. Mariette de Barros de Azevedo. Foram padrinhos o Senhor António Alves da Mota, de Caldelas, e sua esposa D. Maria da Luz Fernandes Vivas da Mota. Ao almoço, entre outros convidados, viam-se os Ex.mos Srs. Dr. Aristides Marques Vilela e Ex.ma esposa D. Lucília Angelina Vilela, os pais e sogros do casal. José de Abreu Dias e José Joaquim da Costa Azevedo e suas esposas.

Tribuna Livre deseja muitas felicidades ao novo feirense, que seja bairrista como os pais, e muitas prosperidades para o casal que dignamente vai aumentando a sua prole.

HUMORISMO

Nariz encarnado

A sobrinha. O tio, aguardante tingirá de encarnado o vestido da minha boneca? O tio:—Já se vê que não, minha tola.

Porque julgas isso? A sobrinha.—Como ouvi a minha mãe dizer que a aguardante é que fazia o nariz do tio, encarnado.

Impressiona-te ver, famílias sem filhos ou então só um e, quando muito, com dois...

Por cá também há disso e noto com espanto ser demasiado grande o número das filhas de Eva que, mesmo casadas, detestam a função e a dignidade de ser mães! Vives na cidade e és um homem de bem, católico de fé e mandamentos. Ainda assim não terás deixado de ouvir falar de roubos e de falências fictícias... Por cá, nesta aldeia onde a distribuição do correio ao domicílio ainda não chegou, por mal dos nossos pecados, acontece o mesmo: uns queixam-se contra os la-

(Continua na 4.ª página)

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

calçando tamancos e desprovidos de hábitos talares; como o abuso frequente de fumarem dentro dos templos e acenderem os cigarros nas velas, que rodeavam as eças, durante os officios fúnebres.

Atente-se seguidamente no teor de uma Carta Pastoral do arcebispo D. Frei Miguel, dada em Braga a 8 de 7. bro de 1826, para ser lida e publicada em todas as igrejas à estação da Missa conventual, uma e m. tas vezes; afixada nos lugares do costume e copiada nos livros competentes:

«Logo que a Divina Providência nos chamou à plenitude do Sacerdocio e ao governo deste Arcebispado, Nós havemos muito seriamente attendido as obrigações adherentes ao Ministerio sagrado que o Senhor nos confiava. Não nos esqueçião as palavras do Apostolo escrevendo a Thito: que aos Bispos pertence exhortar, e persuadir a doutrina Santa arguindo aquelles que a contradizem. He para nutrir os Fieis com o saudavel leite daquella doutrina, que os Bispos governão a Igreja de Deos. Porem, este dever tantas vezes recomendado nos Livros Santos e tão fielmente prehenchido pelos mais illustres Prelados da Igreja, he ainda poderoso nas grandes agitações dos Povos, quando precelhosos ventos combatem a Náu, então convem rodobrar os esforços, então deve resplandecer o zelo Pastoral dos Menistros do Senhor, quando contrarias e perigosas paixoes procurão elevar-se sobre o Imperio da Lei. O Nosso silencio, pois, seria agora uma fraqueza; nas bem conhecidas circunstancias em que se acha a Nação, a que nos gloriamos de pertencer Nós devemos exhortar nossos subditos, e filhos muito amados em Jesus Christo; e elles devem ouvir nossas vozes porque são as do seu Pastor.

He pois com muita amargura q. nós havemos sabido que tambem entre Portugueses, sempre reconhecidos, e respeitosos pelo seu amor e fiel obediencia aos seus Reis, apparecem agora espiritos inquietos e illudidos que ousão contrariar a legitima authoridade do Soberano, e no país da honra, e da fidelidade Nacional collocar o estandarte da rebellião, e da desordem. Este procedimento estranho, e reprovado pelas maximas da Moral mais pura, he ainda mais reprehensivel quando se pretende collocar com o Nome sagrado da Religião. Eis aqui a que promove particularmente o Nosso Zelo, para não consentirmos que o erro seja substituido à verdade he da Nossa obrigação contradizer maximas tão alheas do Christianismo, e tão subversivas do sossego dos Povos, e da segurança dos Thronos. Sim, amados subditos, se a Religião que professamos, a unica verdadeira e divina, excede em bondade a todas as outras, he tambem pelo apoio que ella presta ao poder temporal, e pelo respeito, e obediencia às determinações dos Soberanos que ella recomenda, qual tem sido o exemplo do Divino Mestre; recusou Elle o tributo ao Cesar?

Qual foi o procedimento dos Christians nesses dias de fervor e de piedade nos primeiros seculos do Christianismo. Revoltarão-se ellas jamais ou tomarão parte nas sedições formadas em todo o imperio contra os que exercião o Poder? Elles forão os unicos que servirão fielmente aos mesmos Neros, aos Domicianos, aos Comodos, aos Caracalas. Elles excedião em numero aos que fazião a guerra aos Romanos, circundavão os Palacios dos Imperadores, dispunhão da força, contudo bem longe de empregar aquella contra seus mesmos tiranos ou de abandonarem a casa do Imperio; antepunhão a morte à revolta, ao crime! Virão-se assim legioens inteiras, que a do illustre São Maurício, soffrendo tormentos, e sem resistencia para não faltarem ao que devião a Deos, e ao Cesar, elles fazião ainda mais perseguidos, caluniados; elles considerarão por m to tempo as suas boas acções como unica, e digna illustração. He só durante o governo de Adriano que apparecem as primeiras Apologias dos Christians, e, se nesses escriptos reluzem a firmeza e gravidade, ainda reluz mais o respeito com que elles tratavão os seus oppressores. Eis aqui, amados subditos, qual he o Espirito do Evangelho e qual tem sido o constante procedimento dos Christians para com os seus soberanos; e se estes sacrificavão aos idolos, e desconhecião o verdadeiro Deos, os Christians imploravão as misericordias, do Senhor para que Elle se dignasse de os illustrar; porem jamais faltarão a huma obediencia religiosa em todos os actos puramente temporaes, e que não offendião a fidelidade devida a Deos. E com rezão, porque, se aos subditos fosse licito o não receber a Lei do legitimo Imperante, como poderia conservar-se a ordem na Sociedade? He por isso q. m. tos dos mais respeitaveis successores de S. Pedro na Igreja Romana tem justamente condemnando essas maximas que procurão authorizar a desobediencia, dos subditos.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

Tribuna de Vieira

(Continuação da 3.ª página)

tamos na semana do bom Pastor, perssegue-nos a ideia sobresselente de «lobos com pele de cordeiro» a cevarem seus instintos carnívoros nesta Cabreira de pastio ideal e substancioso; e por isso daqui mandamos uma salva de palmas ao C. da carta da Póvoa, não para lhe pagar o sermão não encomendado, nem com intenções reservadas de pedir e esperar a sua ajuda (o ar que se respira nestas alturas deveria ser razão bastante para superiormente se proceder ao saneamento moral e político e em certo modo religioso), mas por honra ao mérito.

Podemos explicar com verdade aos nossos leitores (mesmo àqueles que devolvem o jornal sem motivo justo) que na vila de Vieira, a visita Pascal decorreu com ordem, respeito e alegria, embora terminasse um pouco tarde devido à extensão da paróquia.

Salvas raras excepções nos lugares de Salgueiros e Mosteiro, onde o vinho podemais que a água do Ermal e donde S. ta Senhorinha fugiu para não mais voltar, em toda a extensa paróquia de 650 fogos, houve flores, alegria, boa disposição, respeito à Cruz e carinhosas recepções aos sacerdotes e companheiros. Na local supra referida, inculca-se a ideia de haver por aqui «lobos inconvenientes», mesquinhos intriguistas, caluniadores... não lobos humanos, mas *homens-lobos*.

A este propósito, e ainda porque com o mau tempo de agora eles têm voltado aos povoados, recordamos que há cerca de ano e meio, na entrada da vila do lado da Cabreira, cosido à parede e a

LAGO

(Continuação da 3.ª página)

drões, outros contra os caloteiros... Enfim muitas, queixas.

Há dias chegaram junto de mim vários homens e disseram:

—Passamos agora nas Lameiras e verificamos que tinham assaltado a erva de Fulano. Correram-lhe o campo todo apanha aqui, calca ali... Hoje contaram-me que em Santa Marta assaltaram uma coelheira, e que na Veiga uma mulher foi surpreendida a roubar um a galinha com pintos.

Compreendes facilmente que tudo isto é fruto dos vícios da borrhice, do jogo, da gula, da luxúria, da preguiça, etc.

Estas anomalias trazem-me à lembrança a quadra seguinte, que certo franciscano me contou, a propósito:

*Se no sexto não há perdão,
E no sétimo abatimento,
Podeis encher o Céu de palha
Porque ninguém entra lá dentro!...*

J. Moreira

coberto dum marco da estrada florestal, pelas 20 horas num dia de inverno, mirando a pouca iluminação da vila. um lobo minhoto, *não duriense*, esperava, talvez a presença de seus colegas, para, com segurança no silencio nocturno, sem manchar suas polidas garras no lamarento Campo da Feira ou seus arruados, atravessar a vila e dirigir-se à Costa ou Sanguinhedo para comprar foguetes de queimar no arraial dum vitoriosa comezaina. Enganou-se, porém; surgiram-lhe de frente os farois dum automóvel, e, descoberto, cauda baixa e rasteira, quase apanhado no rodado, escapuliu-se na escuridão dos campos, sendo finalmente morto no dia seguinte em Cantelães; e para que não restasse dúvida a sua pele de lobo esteve em exposição na vila. Pobre animal! Morreu na sua terra e no seu officio... era *lobo humano*. Se ao nascer previsse a brevidade e dureza da sua vida e a pudesse mudar, preferiria ser *homem-lobo*, porque assim atravessaria a vila de dia, deitaria fumaças, teria acólitos e admiradoras, mostrando dentes e garras nem os cães o amedrontariam, comeriam bifés da célebre vitela de Vieira, pás de ovelha man-

sa ou cabritos assados, e até o americaninho nos últimos ímpetos da gula regaria o saboroso Perú desta ribeira-Ave ou o apetitoso presunto dos lugares serranos. E sempre, com duas pancadinhas nas espáduas e uns passeios perfumados no Parque lhe diriam os incautos parceiros: muito bem! assim é que é! este é dos nossos!

Não mais voltaria para a serra ainda que para viver se esgotassem os currais, os talhos e as capoeiras. Para o *homem-lobo* Vieira seria um Brasil, e para os vieirenses uma tropical selva africana. Às vezes a vida dos animais parece-se com a dos homens. Já repararam?

Vessadas e Toupeiras

Começou já a lavragem das terras para as sementeiras do milho que hão-de prolongar-se por todo o mês de Maio e Junho. Carece esta região de um bom caçador de toupeiras. Na verdade, são grandes os estragos causados por esse terrível mamífero que se esconde e opera em profundas galerias, consumando a obra destruidora. Isto de mamíferos insectívoros, tem que se lhe diga. O instinto é tão apurado, que até nessas galerias, parecem ser conduzidos por algum Lampião.



FUNDADA EM 183

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Gaetano Brandão Telef ne 2526 Braga

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 TELEFONE, 3029
(S. VICTOR) ————— BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 27

(CONTINUAÇÃO)

rendo se fazer hua entrada em Galliza, se faz com muyta facilidade; porque des que se passa o extremo para Galliza são terras, em que ha muytas planícies, e ainda que os gallegos queyrão cortar a Geyra em algua parte, em outra qualquer se acha caminho, o que não assim para este Reyno, porque as primeyras tres legoas delle corta a Geyra por serras de grande aspereza de montes muyto ingremes, e despenhados; de sorte que a onde quer se pode cortar a passage, sem se poder passar adiante; mas antes, se os gallegos se arrojassem a meter ent tal estrada, poderão os Portugueses alcançar hua facil e grande victória; razão por onde os gallegos nunca em tempo de milicia se atreverão a meter em tal caminho; porque vião que aonde quer tinham nelle certo o perigo, ou em fossos que pela estrada podiam estar armados, ou que embrenhados os Portugueses nas matas, e penhas, matassem a tudo o que por ella passasse, servindo-lhe os mesmos, penedos de balas para delles fazerem a melhor artilharia».

O tempo, acaba por varrer também da memória dos povos muitas recordações interessantes, ao modificar seus costumes e obrigações, sobretudo aquelas que de todo cessou a causa que lhes deu origem. No entanto, aqui está, no final desta transcrição, uma curiosa referência — como ainda se mantinha por tradição nas populações locais a lembrança de mais este aspecto do sistema defensivo da Geira e da portela, adotada por seus maiores.

Cobriam industriosamente essas covas, fossos ou trincheiras com ramos de árvores, engradados, tudo muito bem disfarçado com terra e arbustos, aonde atrafiam e se precipitavam os inimigos, tal qual armavam e continuaram a armar ainda por muito tempo os fojos e as covas de lobos.

E, já agora que mais uma vez se toca nesta matéria, se acrescenta que, julgando então os lioneses esquivarem-se e defenderem-se de cair nestas ratoeiras, que por certo sabiam aqui lhes estavam armadas, vieram por diferentes vias a cair noutras tais, que lhes haviam sido preparadas no sítio da dita Veiga da Matança, onde, por ideia de um célebre cavaleiro que se diz progenitor dos Abreus de Regalados, e foi Gonçalo Mz de Abreu, se dispuseram umas grades e alcançou a decisiva vitória.

Daí ficou a chamar-se pelo título de Abreus da Grade» que também acrescentaram por emblema em suas armas, uma ramificação desta família; e foram senhores da Casa e Torres da Grade, de Abreu de Regalados, Barbeita e Lapela.

Foi assim mesmo; e só esta perfeita coordenação de meios de defesa e de entendimento entre os senhores cavaleiros e ricos homens de Entre-Minho e Douro tornou possível as tão grandes vantagens que praticaram contra inimigos que de todos os lados os espreitavam.

Sim, isto a que se vai assistindo Entre-Homem e Cávado e a que às vezes se solta o barão e entra nas terras vizinhas por necessidade de melhor esclarecimento, não é mais que uma razoável miniatura do Entre-Minho e Douro, na sua prosopopeia desse período heróico da Nacionalidade; não seria eu a regatear-lhe, por toda a parte e em seus limites, a grandeza e o merecimento dos seus homens de antanho, uma vez que todas as suas terras produziram os seus bravos aventureiros e deram o seu melhor, contributo para a grande Causa!

(Continua no próximo número)

Rev.mo Cónego Damião Martins

Vai-se aproximando já dos três decénios, que na terra de Valdreu, que lhe serviu de berço e para a qual sentiu sempre uma irresistível, natural inclinação, a ponto de lhe servir também de sepultura, faleceu após prolongado sofrimento que acabou de provar suas excelsas virtudes, um ilustre e santo sacerdote que todos da minha geração bem de perto conheceram por largo trato e convívio.

O Rev. mo Cónego Damião Martins, que sempre chamei e ouvi chamar por «Senhor Padre Damião», na sua modestia e total isenção; que também nunca lhe conheci outra indumentária eclesiástica que não fosse a de simples padre, era, além do seu carácter e impecável aprumo sacerdotal, um homem à antiga — franco, leal, sincero — deses que a natureza do seu nascimento produziu, à semelhança do seu conterrâneo Martins Capella, e tantos outros que têm passado no esquecimento, para resistir a um período de contrariedades, embaraços e probações que de modo incomparável agitaram e martirizaram a sua época, com a da mesma Igreja em Portugal.

Mas, acima de tudo, o Cónego Damião Martins, deixem-me ao menos agora tratá-lo com as honras a que teve inegável direito, foi um sábio e experimentado educador.

Não que principiasses por frequentar estabelecimentos de nomeada, mas porque a sua carreira e o seu tempo lhe grangearam uma longa prática do officio, como vai ver-se.

Tendo nascido a 8 de Janeiro de 1868 e, reconhecida a sua vocação, cedo começou a calcuuriar os caminhos do seu calvário, descendo e subindo periódicamente os montes e os vales, na distância que de Valdreu o separava do seu primeiro mestre, no lugar altaneiro de S. Bartolomeu da freguesia de S.ta Marta de Bouro, aonde acorria com muitos outros companheiros, a casa do «Padre Maranhão», de seu verdadeiro nome padre Manuel José Fernandes, que lhes ministrava os estudos preparatórios, e faziam-nos então como externos, antes que ingressassem propriamente no Seminário.

Em 1887 passou a frequentar Teologia e três anos depois ordenou-se de Presbítero, em 1890.

Em Outubro desse mesmo ano foi para o Colégio dos Orfãos em Coimbra, primeiro como professor, depois vice-reitor, finalmente reitor.

Em 1892 pediu a demissão e veio trabalhar no Seminário de Nossa Senhora da Oliveira,

em Guimarães, até ao fim do ano lectivo.

Logo em Outubro seguinte passou a Vila-Real onde abriu o Colégio de N. Senhora do Rosário, permanecendo aí até 1911, em que se fechou o colégio.

Nesse mesmo ano o Prelado bracarense chamou-o para lhe dar a freguesia de Goães de Vila-Verde, que deixou em 1915 para assumir a direcção do Seminário de S.to António, na Rua do Raio.

Em 1919 entrou como director do Seminário de S. Barnabé; em 1920, e no exercício de iguais funções, transitou para a Quinta de S. Jerónimo de Real, em que se demorou até 1924, e então passou a Vice-Reitor do Seminário de Nossa Senhora da Conceição; últimos passos da sua longa odisseia em que o autor destas linhas o acompanhou de perto, quando os Seminários não tinham casa nem pousada certa.

Em 1928, depois de muitos anos, dias e consecutivas noites de fadigas, em que percorria os frios dormitórios a compor as roupas das camas, a agasalhar os mais pequenos dos alunos ou a tratar os doentes de quem era o desvelado e carinhoso enfermeiro, retirou-se para Valdreu, a procurar o aconchego dos seus familiares e, a sofrer muito, faleceu dois anos decorridos, a 18 de Março de 1930.

Quis Deus que, certamente, um de seus mais rebeldes discípulos e educandos, já agora experimentado também

pelas lições da vida, viesse depôr aqui, em breve panegírico de compensadoza e justa apreciação à sua competência de Mestre, à sua saudosa memória, e como se fosse sobre a sua campa, este ramalhete de profunda gratidão!

A acção educativa de preceptores, como foi a do Cónego Damião Martins, exerce perdurável influência em seus discípulos; ele presidia aos principais actos da comunidade: as refeições e os recreios. Vigiando de perto, trazia a todos sob rigorosa observação, a tentar definir em cada um as suas propensões.

No avontade dos recreios é que ele procedia ao seu estudo, analisando por cima das lunetas todos os seus recantos; e verificando que eu não me distraía como o geral dos meus companheiros, um dia aproximou-se de mim e disparou-me à queima-roupa:

— Tu sabes, lá na matemática, o que é um enigma?

De confundido não dei resposta e também não esperou por ela, acrescentando:

— Pois é o que tu és para mim.

Lá tinha as suas razões!

Na pessoa e carácter íntegro de seu sobrinho Antónino Nogueira Martins, exemplaríssimo chefe da Secretaria da C.M. de T. de Bouro e meu inteiro e velho amigo, desde os bancos da escola, saúdo a imagem do venerando sacerdote que pode contar e apontar como um dos melhores ornamentos entre seus illustres antepassados.

D.S.

Uma satisfação necessária

Os nossos estimados leitores devem ter estranhado a ausência de noticiário nesta secção, que se vinha desenvolvendo muito satisfatoriamente sob a égide do Ex. mo Senhor Antónino Nogueira Martins. Porém, em dada altura, ficaram privados desse agradável convívio com grande pesar para todos. Sabemos que a sua susceptibilidade se ofendeu com um artigo que focou as actividades dos Chefes das Secretarias das Câmaras Municipais.

Entendemos que ninguém seria capaz de supor que a inconscusa honestidade do Ex. mo Senhor Antónino Nogueira Martins estivesse ali em jogo, mas precisamente porque se julga, com razão, cumpridor dos seus deveres profissionais, com toda a inteireza de carácter manifestou-o desta forma, deixando de colaborar neste Semanário. Pelaniza-nos muito o facto e parece-nos que feito este público esclarecimento, que também serve de desagravo, o Senhor Antónino Nogueira Martins deveria retomar o seu posto em defesa dos interesses do seu Concelho, como anteriormente vinha fazendo com ponderação e acerto. Este semanário, que tanto tem estreitado os laços de amizade entre os dois concelhos «interâmicos», nomeadamente com a publicação da Monografia de Terras de Bouro, pode, sem peias, alegar a sua boa fé, e nunca de forma alguma procuraria atingir um seu colaborador que se vinha desempenhando muito bem da sua missão. Fora com o equívoco e continuemos a trabalhar.

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

E preciso olhar para os Chefes de Conservação de Estradas

(Continuação da 1.ª página)

porém,—e afinal são os que menos se ouvem—com toda a justiça.

Afinal, o Governo, não atribuiu carácter definitivo a esta remodelação de vencimentos. Chamou-lhe reajustamento transitório, susceptível de rectificação, logo que a oportunidade aconselhasse.

Contudo, há classes de trabalhadores—funcionários públicos—que se queixam, muito justamente, não contra a escassez do benefício agora recebido. Esses receberam-nos de mãos bem abertas, dando graças a Deus, por ele ter vindo.

O problema não é este. É, isso sim, o da desactualização de vencimentos, perante um considerável aumento de atribuições e de responsabilidades, qual delas de maior interesse para o Estado e para a Nação. Estamos a referir-nos aos chefes de conservação de Estradas, na verdade, funcionários públicos que não podem, de forma alguma, estar satisfeitos com o vencimento que recebem. Efectivamente não está em correspondência, com o valor nacional do trabalho que realizam. É uma função de extraordinária responsabilidade e, tanto assim é, que os candidatos são admitidos no lugar, mediante rigoroso concurso de provas

proporcionalmente, ao contrário do que aconteceu com outras categorias cujo acesso não se faz por concurso, mas por simpatia, nomeadamente: Fiscal da 1.ª classe (1.977\$10); Fiscal da 2.ª classe (1.672\$90); maquinista (1.764\$20); motorista (1.672\$90) e capataz (1.672\$90). Se atendermos a que as referidas categorias são subalternas do chefe de conservação, não podemos achar justo e muito menos lógico que estes auferam um vencimento de 1.500\$00, exactamente o mesmo que um escriptorário de 2.ª, o qual tem funções muito mais simples.

Com isto, não se pretende afirmar que aqueles ganham de mais. Nada disso. Apenas se procura salientar que os chefes de conservação, não ganham o suficiente para que se sintam estimulados nas difíceis e complexas funções que exercem, no cada vez mais desenvolvido e importante sistema rodoviário nacional.

Antigamente, os chefes de conservação de estradas, eram equiparados aos condutores de obras públicas e recebiam em 1914, o vencimento de 35\$00, em 1932, ascendeu a 501\$00, em 1958 1.200\$00 e presentemente 1.500\$00.

Outras categorias e a evolução dos respectivos vencimentos:

	1914	1932	1958	1959
Eng. de 2.ª classe	70\$00	1.820\$00	4.500\$00	5.400\$00
Agente Técn. da 2.ª clas.	45\$00	1.180\$00	2.600\$00	3.600\$00
Agente Técn. de 3.ª clas.	35\$00	1.026\$00	extinta	
Desenhador de 1.ª clas.	35\$00	1.026\$00	1.800\$00	2.200\$00
Escrutorário de 2.ª clas.	30\$00	628\$50	1.200\$00	1.500\$00
Apontadores	18\$00	565\$00	extinta	
Contínuos	—	512\$00	1.000\$00	1.300\$00
Fiscal da 1.ª classe.	—	—	1.642\$50	1.977\$10
Fiscal da 2.ª clas.	—	—	1.399\$20	1.672\$90
Maquinista	—	—	1.488\$00	1.764\$20
Motorista	—	—	1.426\$00	1.672\$90
Capataz	—	—	1.426\$00	1.672\$90

públicas, afim de estarem aptos a desempenhar as numerosas missões previstas na Lei 2.037, de 19 de Agosto de 1949.

Através da leitura do artigo 59.º da referida Lei e suas alíneas, verifica-se que os Chefes da Conservação cumulam uma série de funções públicas, qual delas de maior importância. Têm de ser dirigentes, fiscais, administradores, inquiridores, desenhadores e topógrafos, armazenistas, contabilistas, agentes de autoridade, etc., etc.. É, por conseguinte, um lugar técnico que exige conhecimentos e uma função de ontológica muito apurada, devido a estarem sob a guarda dos Chefes de Conservação, do seu brio e do seu escriptorário, importantes valores do Estado.

Verifica-se, portanto, que a Lei está desactualizada quanto às atribuições que confere àqueles funcionários, ou então, o vencimento não foi valorizado

O quadro é bastante elucidativo para confirmar o que atrás dizemos. O vencimento dos chefes de conservação, não evoluiu proporcionalmente aos das restantes categorias apontadas.

Temos a certeza de que tal, não se ficou, devido a injustiça ou menos consideração do Governo pela classe. É mesmo possível que o respectivo departamento tenha o problema em estudo, mas, o certo é que a sua solução impõe-se com a urgência necessária. Assim é que a situação não poderá continuar, pois é indispensável ter em vista que o lugar precisa da máxima dedicação do pessoal e se esta não existir, largos prejuízos resultam, derivado não só do desinteresse pelas funções, como ainda da possibilidade de desviar ou escamotear valores. E sabe-se que a necessidade é mestra de engenhos...

É preciso, realmente, muito

TRIBUNA DE VIEIRA

Uma História e um Comentário

O que vou contar, não sei se é original, todavia, ouvi-o apenas uma vez, a um meu amigo, ali do vizinho lugar de Cortegaça. Contou então ele:—Havia em tempos nas proximidades do meu lugar, um pobre pedinte, muito rabugento. Certo dia e numa das suas visitas domiciliárias, ao deambular, seguia com estas momicas:—Há duas coisas no mundo. Uma que sei e outra que não sei! Como alguém o inquirisse, a perguntar-lhe qual era então a coisa que ele sabia, o pobre responde:—A coisa que sei, é que os porcos dos moleiros são todos gordos. E qual é então a outra que não sabes? Resposta pronta:—de quem é a farinha!...

Ora eu, estou como o pobre daqueles tempos. Vejo duas coisas também. Uma que sei e outra que não sei. Se me perguntarem qual a que sei, diria:— Sei que volta e meia, aparece por aqui uns pobres favianos (deixem passar o termo) desses lugares mais recônditos do concelho a chiarem que lhes multaram um cão, pagando a respectiva multa ou deixando que o caso seja resolvido no Tribunal. E a outra coisa que não sei, é, por que razão todos os dias vagueiam pela sede da vila, alcaiteias desses caninos, e pará esses não haja intervenção necessária, ou multa correspondente.

Será, porque alguns dos donos sejam pessoas pouco remediadas e não os queiram sequer advertir? Será. O Raquel (Zelador Camarário) pode muito bem tomar à sua conta, já que passa os dias na limpeza das ruas, a ter o cuidado, mesmo sem autoar, de contribuir para que o estatuto Camarário se cumpra nessa parte que diz respeito. E já agora, que meti foice em seara alheia, permita Deus, não venha a represália, já que as transgressões do signatário são das primeiras a dar na vista.

Há dias, numa digressão ao lugar de Taboadela, da freguesia do Mosteiro, foi-me chamada a atenção para um caminho que os proprietários daquele lugar fizeram, para ligar a estrada que dá para Rio Longo. Tratando-se, embora, de uma estrada rudimentar, pode muito bem transitar com segurança e comodidade um automóvel, aliás bem necessário para casos de urgência. Notou-se ainda, que o referido caminho dispõe dos necessários aquedutos para os desvios de água. Tendo em atenção a boa vontade daqueles proprietários e mesmo para estímulo de outros, a Ex.ma Câmara poderia conceder uma comparticipação, afim de mais beneficiar aquele caminho, pois trata-se de uma ligação de um populoso lugar, limítrofe desta vila.

OS LOBOS

Relemos nesta Tribuna Livre, n.º 168, a simples e elegante «Carta da Póvoa de Lanhoso», cujo autor desconhecemos mas nela apreciamos. Impressionou-nos o à vontade com que cita factos e assuntos de Vieira do Minho. É que por desgraça nossa os casos de Vieira continuam a ser «prato de semana» pelo Distrito de Braga.

brio, muita dedicação, entusiasmo e interesse pelo trabalho para que este resulte, em toda a linha.

Mas, também é necessário o estímulo que, pelo menos, faça os possíveis por compreender a boa vontade e o esforço destes importantes obreiros do património nacional.

Estamos em pleno ciclo dos reajustamentos e das rectificações. É oportuno olhar para os Chefes de Conservação e dar-lhes o que merecem, o que é lógico e o que é justo.

Confiamos na boa vontade do Snr. Ministro das Obras Públicas e no Snr. Presidente da Junta Antonóma de Estradas.

(Transcrição feita, com a devida vénia, do jornal de Évora).

Com a devida vénia reconduzimos às colunas deste conceituado semanário, o que nos toca da dita carta:

«Se bem que com mágoa chegassem até nós ecos, gritos de revolta e de insubordinação, de indisciplina da vizinha vila de Vieira do Minho, sobre a Serra da Cabreira onde se acastelam nuvens densas que ameaçam tempestade, vagueiam não lobos esfomeados... «um que se evadiu da Serra do Merouço... e outro que veio doutro lado», mas sim lobos vorazes que no dizer do Evangelista andam cobertos com pele de cordeiro. Esses lobos inconvenientes e mal intencionados procuram, por tudo e por nada, inquietar os espíritos submissos, gerando discórdia entre o clero e pôr em cheque a idoneidade de quem cumpre o seu dever e em ocasião oportuna tenta afinadamente combater o mal. Supomos que nesta hora e nos lugares onde já chegam os rumores de tal indisciplina, o parecer seja igual ao nosso.

Acabem-se com os ditos, «deixem esses lobos vorazes» as peles de cordeiro em que andam envolvidos e não sejam só cumpridores da lei externamente como faziam os fariseus (essa tropilha pouco

Hipocrisia

(Continuação da 1.ª página)

mal um pouco, e muito de todas as baixezas.

O cérebro de um hipócrita é um maquinismo de mistificação, de ignomínia, de pecado; o seu coração, uma latrina infecta que causaria náuseas a quem pudesse contempla-lo sobrenaturalmente.

O espírito imundo do hipócrita acoberta-se nas trevas para esconder a miséria da sua imoral monstruosidade, assim caricaturada: no rosto a mascara repelente do cinismo, caindo-lhe da boca a baba nojenta da traição; nas mãos os despojos da avareza de sentimentos e velhacaria dos actos vis; no ventre mirrado e nos membros esqueléticos, a segura da inveja a roer-lhe as entranhas — em todo ele, um febrão infernal que lhe consome a vida miserável e lhe alimenta o desejo insaciável de apunhalar pelas costas, com vilania, torpemente, movido pela insídia, pela traição, pelo orgulho... impellido por todas as peças da engrenagem que acciona essa diabólica máquina do mal: a Hipocrisia.

Ainda na autorizada e insuspeita opinião de S. Bernardo, o hipócrita tem astúcia de raposa e instintos de tigre.

É assim mesmo!

Ora como a hipocrisia anda por vezes ligada à política — à má política, à política de mentira — bem anda o Governo em procurar para lugares de chefia homens que se distingam mais pela sã moral que praticam, do que pelos dotes políticos que apregoam.

Banir a hipocrisia da política, é uma necessidade premente, para que se exerça aquela política de verdade que nos ensinou Salazar, o grande mestre da honradez.

Fora com a hipocrisia!
EME

decente) a quem Jesus desmascarou publicamente, e só quando esses lobos deixarem o uso de tais peles de cordeiro, de criticar quem é honesto, de caluniar quem é inocente, deixarão o homem velho e revestir-se-ão do homem novo—ressuscitado com Cristo. Só então as núvens negras que sobrevoam a vila de Vieira se hão-de transformar em bonança, princípio de tranquilidade, de ordem e paz».

—Esta transcrição desperará algum leitor «que dela se não tenha apercebido, e também por isso fizemos nossas tais afirmações. Porque es-

(Continuação da 4.ª página)